Guilherme Carvalho
autor de A Busca - Cortando as Américas
de Ushuaia ao Alasca

Céu Cor de Rosa



Céu Cor de Rosa

Guilherme Carvalho

Título original: Céu cor de rosa.
Copyright © 2013 por Guilherme Carvalho

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes, sem autorização por escrito do autor.

Esta é uma obra fictícia, qualquer semelhança com pessoas e lugares reais é mera coincidencia.

Revisão:
Iris Carvalho

Capa e diagramação:
Guilherme Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

Carvalho, Guilherme, 1966-
Céu cor de rosa / Guilherme Carvalho; Ed. Clube de Autores, Belo Horizonte: 2013

ISBN

1. Romance

Capítulo 1 - Liz 8

Capítulo 2 - John 22

Capítulo 3 - Sarah 28

Capítulo 5 – John e Liz 42

Capítulo 6 – No paraíso 62

Capítulo 7 - Despertar 69

Capítulo 8 – Semanas Seguintes 84

Capítulo 9 - Reencontro 94

Capítulo 10 - Necessidade 107

Capítulo 11- Desespero 119

Capítulo 12 - Retornando 143

Capítulo 13 – A vida segue seu rumo 155

Capítulo 14 – Vida de casada 164

Capítulo 15 – John 173

Capítulo 16 – Voltando para o interior 186

Capítulo 17 – Separação 194

Capítulo 18 – Adaptação 208

Capítulo 19 – A viagem 219

Capítulo 20 – Rotina 240

Capítulo 21 – Novamente na Itália 251

Capítulo 22 – Reflexão 269

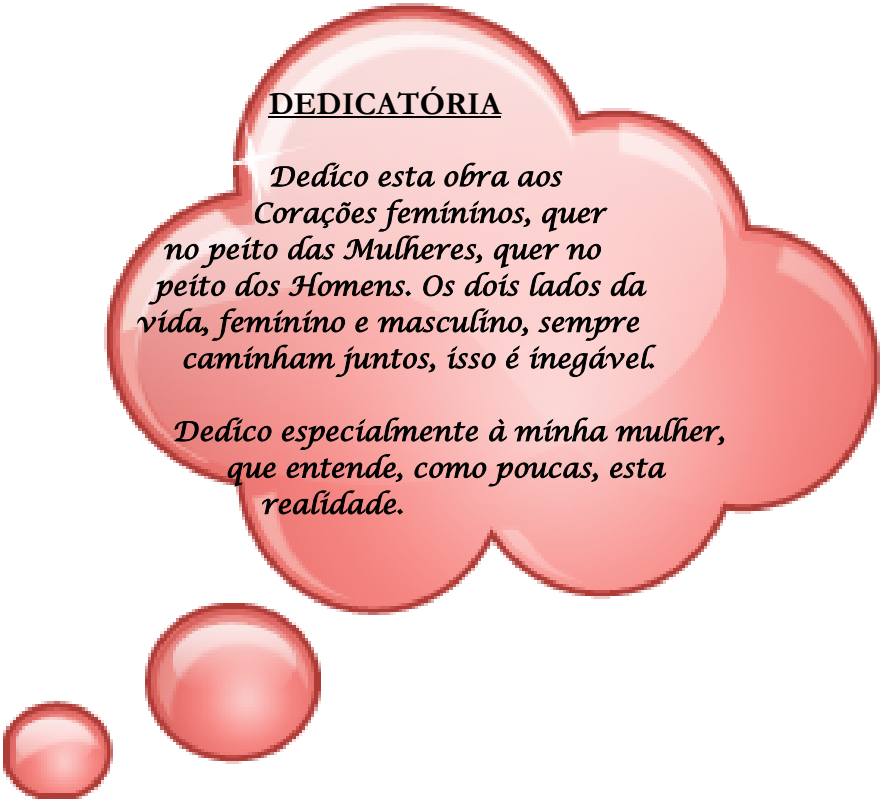
Capítulo 24 – Paz e tranquilidade 277

Agradecimentos

Agradeço a todas as mulheres que já cruzaram o meu caminho. Sem elas, não saberia jamais lançar no papel as palavras que compõe esta Obra.

Agradeço à minha filha e à minha enteada, que no auge da adolescência, me muniram de exemplos para moldar as personagens principais desta Obra.

Agradeço à minha mãe e a minha sogra, exemplos de que o amor é possível e deve ser vivido, sem medo e preconceito, na terceira idade.



DEDICATÓRIA

Dedico esta obra aos Corações femininos, quer no peito das Mulheres, quer no peito dos Homens. Os dois lados da vida, feminino e masculino, sempre caminham juntos, isso é inegável.

Dedico especialmente à minha mulher, que entende, como poucas, esta realidade.

Capítulo 1 - Liz

Liz estava deitada, como de costume, vendo o tempo passar, sentido as pernas pesadas, os olhos caindo e um grande desânimo. Nada a faria deixar sua confortável cama, apesar do lindo céu azul e 32 graus do lado de fora.

A umidade da roupa de cama, consequência das centenas de gotas de suor que seu corpo liberava também não a incomodava. Era como se estivesse em outro plano, distante, absorta em seus pensamentos, suas aflições e medos.

A cortina totalmente fechada contribuía ainda mais para o carregado ambiente daquele quarto e o cheiro de fechado misturava-se com o álcool que pairava no ar, vindo das dezenas de garrafas espalhadas pelo chão. Assim era Liz...

DOIS ANOS ANTES ...

- *Sarah, anda, senão vamos nos atrasar! Vamos!* - Liz chamava a amiga, já pronta, aflita pela sua demora. Ela não queria entrar na Boate depois das 23 hs e o relógio marcava 22h30. O tempo era curto, mas, se apertasse o pé no acelerador chegaria a tempo, assim pensou Liz.

Sarah, como de hábito, deixava tudo para última hora e logo que se viu no espelho percebeu que a blusa que vestia estava com o botão que decorava a ponta inferior do lado direito quase solto. Apesar de ser apenas decorativo, para Sarah era imprescindível chegar impecável e aquele maldito botão fora do lugar ou, pior ainda, a sua ausência, poria toda a sua superprodução em jogo. Não poderia permitir tamanho constrangimento para si mesmo e muito menos passar para os outros a impressão que era uma moça desleixada. Tinha de dar uma solução. Sacou de sua bolsa o pequeno estojo de costura para as emergências e começou a reforçar o botão no fino tecido da blusa, voltando-o para seu lugar original e deixando-o tão colado que, certamente, não iria cair jamais.

Liz não parava um minuto sequer de andar de um lado para outro e, a cada 4 segundos, virava o pulso e olhava rapidamente o seu relógio. A cada olhada sua aflição aumentava e sentia-se sufocando. Finalmente, depois de pouco mais de 5 minutos do primeiro chamado que Liz fizera a amiga se apresentou pronta à sua frente. De cara fechada, não escondendo o ódio mortal que sentia naquele instante, Liz despejou: - *porra Sarah, você sabia que não poderia atrasar e mesmo assim demorou essa eternidade para sair do quarto! Não vamos conseguir chegar a tempo, a culpa é sua!* - E berrando, continuou vociferando para a amiga

que, atônita não entendia nada. Pensava apenas que foi super-rápida, menos de cinco minutos e não havia, com certeza, motivo para tamanho descontrole da amiga. Conhecia bem Liz, sabia que era uma neurótica compulsiva, mas, aquele escândalo estava passando dos limites.

- porra eu que digo! Que humor de cão amiga! Vamos, mexa essa bunda que o elevador já chegou, vamos, ande!

Elas chegaram à Boate por volta das 23h15, o que foi suficiente para deixar Liz completamente transtornada e de cara fechada durante toda a noite. As patadas foram dadas aos montes, quem tentasse conversar ou mesmo chegar perto dela era recebido com o carinho de uma troglodita desorientada, uma patada de asno, que muitas vezes doía fisicamente nos amigos mais íntimos. Apesar de odiar ser a bola da vez, Liz foi o centro das conversas de todos. John foi o único que continuou tratando-a como sempre, ignorando completamente os acessos desmedidos daquela mocinha mimada. Por mais que recebesse respostas ásperas e grosseiras, tentava entabular conversa com a amiga e agia como se nada, absolutamente nada estivesse ocorrendo. Até seus amigos mais próximos, como Lucas e David não entenderam porque John perdia seu tempo dando atenção para aquela maluca descontrolada.

Sarah logo se perdeu nos braços de um *gatinho* que vinha secando algum tempo e esqueceu-se totalmente da amiga. Por volta das 4 da manhã deu falta dela e foi a sua procura. Lucas limitou a dizer que não fazia a menor ideia de onde ela estava e que para o bem geral deveria ser bem longe dali.

– poxa Sarah, a Liz estava irreconhecível hoje. Não conhecia esse lado mala dela. Que canseira!!!

Em fração de segundos, Sarah sentiu um aperto no coração. Abandonara sua melhor amiga em meio uma séria crise de histeria em troca de alguns beijos. Se bem que, pensou ela, não foram só alguns beijos, foram os beijos e que beijos .... aiiii que conflito, não sabia se se sentia responsável pela amiga ou se simplesmente continuava por lá e liberava seus desejos e instintos perdendo-se na boca do seu gatinho. De alguma forma a responsabilidade falou mais alto naquele momento e ela saiu, de vez, a procura da amiga.

Não encontrou Liz e também não conseguiu saber a que horas saiu da Boate e muito menos para onde podia ter ido. Angustiada, já que as chaves do carro estavam com ela, não teve outra saída, senão, dirigir-se para o apartamento delas na esperança de que a amiga já estivesse por lá. Dirigiu o mais rápido que o momento lhe

permitiu e após rodar as chaves na fechadura, lentamente foi abrindo a porta da casa que era dividida com a amiga nos últimos três anos. O silêncio era grande. A cozinha estava como haviam deixado o que fez com que concluísse que Liz não teria regressado para casa, pois não poderia imaginar que teria chegado sem fazer as rotineiras visitas à geladeira, deixando seus restos espalhados por todo o lado. Liz era mestre em deixar tudo onde colocava. Pode-se dizer que era uma campeã da desordem. Voltar com um copo para a cozinha e coloca-lo na pia, era uma tarefa que nunca existiu em sua lista. Assim, sempre, sobrava para Sarah a tarefa de dar um pouco de ordem na casa.

Após fazer seu chá e degusta-lo com algumas torradas, apagou a luz da cozinha e dirigiu-se para seu quarto. Percebeu a porta do quarto da amiga fechada e por impulso abriu-a pensando em dar uma rápida arrumada na bagunça de Liz. Para sua surpresa, estava ela estirada de bruços na cama. Os braços caídos em direção ao chão, ainda vestida, sem apenas, os saltos de 16 centímetros que tanto amava, que estavam simetricamente alinhados dentro da sapateira. Algo não estava certo naquela cena, pensou Sarah. Como assim, deitou de roupa e tudo mas antes teve o trabalho de tirar os sapatos e, pasmem os céus, guarda-los?! Não, definitivamente não dava para compreender aquela cena. E o pior, teria de esperar até o dia seguinte para saber o que realmente tinha acontecido.

Sarah despertou naquele domingo antes da amiga, fato raro de acontecer e que só pode ser creditado a grande curiosidade que a noite anterior despertou dentro dela. Após tomar o seu café da manhã ficou no sofá aguardando a amiga despertar. Por volta do meio dia Liz, com um largo sorriso no rosto e bom humor entrou na sala, cumprimentou a amiga e dirigiu-se para a cozinha.

Mais uma vez a inquietude tomou de assalto Sarah. Nenhum sinal do mau humor da noite anterior, nada de ressaca, cara fechada .... tudo muito estranho. Com cautela, iniciou a conversa. – *e ai, amiga, dormiu bem? Não vi a hora que você saiu da boate ontem.*

- dormi muito bem. Bem mesmo! Para falar a verdade também não reparei na hora que sai de lá. Acho que o John me deixou aqui.

- hummmm então a noite foi boa !!!! por isto este sorriso no rosto.

- na verdade foi normal. Ele me deixou na portaria e Seu Zeca abriu a porta. Ele não estava dormindo, dá para acreditar? Fui chegando ele já me viu e abriu, não precisei esmurrar o vidro dessa vez.

As duas começaram a rir juntas e Sarah não tocou mais no assunto. Deu-se por satisfeita e preferiu simplesmente desfrutar da companhia da amiga. Foi um domingo como tantos outros, filme no meio da tarde e uma dança no início da noite em uma das dezenas de casa de show da cidade. A vida das duas ia transcorrendo normalmente, a rotina massacrava-as como sempre: Sarah no seu trabalho na loja de departamento e Liz no escritório de Comunicação. Ambas pegavam o trabalho no início da manhã e largavam por volta das 18 horas. Terça e quinta feira se encontravam na estação Central do Metrô para, juntas, passarem em um dos milhares de Pubs que se espalhavam pela região. Sarah com sua inseparável cuba libre e Liz com chopes e cerveja.

A paquera era um ritual que empolgava as duas. Havia um jogo velado entre elas, na disputa pela atenção dos bonitões do pedaço. O interessante era que não faziam o mesmo tipo. Enquanto uma, Liz, era alta, esbelta, cabelos negros, pele branca e olhos verdes, a outra era de pele morena, cabelos repletos de luzes que os deixavam em um tom dourado, chegando perto do loiro. Olhos negros e de estatura mediana e um pouco mais cheinha do que a outra. Mesmo assim, a presença de uma ao lado da outra era uma receita que empolgava e chamava atenção dos homens.

A diferença entre elas também refletia no jeito de vestir. Enquanto Sarah fazia o tipo descolada moderna, Liz ia mais para o despojado, um tanto quanto desleixada, mas que mantinha uma áurea de mistério e sensualidade. E assim, todas as quarta e sextas tinham motivos suficientes para conversar sobre a noite anterior, até porque, não era raro as vezes que cada uma seguia caminhos diferentes, chegando a casa separadas.

John as conheceu em uma destas noitadas, no Taco Mex, bar temático que se assemelhava muito com a rede do Mr. Frog, sucesso absoluto nas noites do balneário mexicano de Yucatã, a badalada cidade de Cancún. De origem simples, vindo do interior, John era extrovertido, sempre de bom humor nos seus mais de um metro e oitenta. Cabelos castanhos claros impecavelmente arrumados com a ajuda de um heroico gel capilar. Liz sempre dizia que a família dele deveria ser dona da fabrica do gel, tamanha a quantidade que usava. A bem da verdade, ela não se recorda de uma única vez o ter visto sem o gel que emplastava seu cabelo. Porém, a atenção das mulheres frente a ele não era para sua cabeleira, mas sim para os bíceps, trípices e tantos outros *ípces* que esculpiam o seu corpo na media exata, sem exagero e sem excesso de ossos ou gorduras.

Mas para Liz, o que fez seu olhar fixar em John naquela noite em que se conheceram também não foi o corpo atlético, mas sim o largo sorriso que sempre estava estampado em sua face, que a fez cochichar com sua amiga: *- veja Sarah aquele de camisa preta, todo engomadinho, ali na ponta do balcão. Veja que astral, que sorriso!!!*

- Amiga, você ta falando é do gostosão com a caneca de chope na mão? Vejo apenas que gostaria de sentir aqueles músculos.

As duas caíram na gargalhada e acabaram por chamar a atenção não só de John, como também da maioria dos homens do local. Liz percebeu na mesma hora que as gargalhadas haviam sido excessivas e o rubor que surgiu na face daquele homem quando seus olhares se cruzaram. Entretanto, ele foi incapaz de se mover até elas. Não era a atitude que elas esperavam e estavam acostumadas e essa simples ausência de atitude despertou ainda mais o interesse de Liz pelo rapaz.

No final da noite, quando iam embora, Liz fez questão de passar bem perto de John e deixar, como se não tivesse percebido, cair no chão aos seus pés um papel contendo algumas anotações sem sentido e, lógico, seu nome e telefone. Era a deixa, a última cartada para ver se ele se movia, tomava alguma atitude.

Os dias passaram e nada de receber o esperado telefonema, até que o episódio caiu no esquecimento, bem guardado em algum canto escuro e bagunçado de sua cabeça. Somente três ou quatro meses depois, no Taco Mex, foi que ela o viu pela segunda vez. John não tirou os olhos de Liz desde que ela entrou no bar. Sarah nem se deu conta que aquele rapaz estava ali perto de olho nelas e, como sempre, com um fogo incontido, logo trouxe para a mesa dois rapazes que conheceu naquela mesma noite para dividir a mesa com elas. Liz dirigiu o seu olhar mais uma vez para John, como que dizendo, "*tá vendo, ficou ai de bobeira, não fez presença, dançou*".

Mesmo assim, por volta da meia noite John, visivelmente constrangido e nervoso dirigiu-se à mesa delas. Liz ao perceber o movimento dele teve de fazer um grande esforço para controlar seus batimentos cardíacos. Ela não era assim, não sabia o que estava acontecendo. Nem mesmo sabia o nome dele, nunca tinha ouvido sua voz e tremia dos pés a cabeça de expectativa. No seu íntimo, naqueles segundos que separaram o deslocamento de John do balcão até sua mesa, um turbilhão de pensamos invadiu sua mente. *Será que ele vem para cá mesmo? Ahhh não, não pode ser.... ele vai ao banheiro, tenho certeza.... mas pera ai, o banheiro fica para o outro lado ... será? Não, não .... ele vai encontrar algum amigo nas mesas de trás.*

Num ato de puro reflexo Liz virou sua cabeça para trás. *Meu Deus, não tem mais nenhuma mesa depois da nossa. Porra, não pode ser .... aiiiii não, Putz, é verdade, ele vem para cá.... é a Sarah, ela tá uma gata hoje! PQP, Liz, como você não percebeu, é para a Sarah que ele tava olhando. Idiota, não é com você não, ele não quer nada com você... aiiii tá chegando.... hummm que delicia de cheiro... nossa, que sorriso.... ahhhhh nããããooooo, Liz, controle-se .... que calor ... Putz, tô úmida ... essa não ... comporta-se, você não é mais adolescente já passou dessa fase ... porraaaaa.....*

- Ola, você não trabalha com comunicação? - Disse John assim que chegou ao lado de Liz, que continuava presa em suas divagações neuróticas num exercício mental enorme e desgastante. *Meu, que pedaço de mau caminho ... acho que ele falou algo ... foi comigo!!!! Ai, ai ai ...*

- se não quer papo tudo bem, apenas fiz uma simples pergunta, valeu. - E dizendo essas palavras ante a mudez de Liz, ele foi se afastando, quando Sarah percebeu e respondeu de supetão:

– onde pensa que vai? Sente-se aqui e me diz de onde você conhece minha amiga, fiquei curiosa.- Liz voltou-se para Sarah com cara de raiva que se desfez imediatamente ao ver o largo sorriso de John no rosto dirigindo-se para a cadeira livre ao seu lado. E assim John entrou de vez na

vida das duas e em poucos dias se transformou no grande amigo delas, sempre presente na casa e nas baladas. Através dele Sarah conheceu vários namorados e ficantes. Pode-se afirmar que John foi o melhor agenciador que Sarah já conheceu na vida. Após aquele encontro ela nunca mais passou aperto, nunca ficou mais de uma semana sem um braço em sua cintura e um calor em sua cama.

Liz descobriu depois que a dedução de que ela trabalhava com comunicação veio do bilhete que havia deixado cair na primeira vez que o viu. Instintivamente ela havia escritos slogans, parte de roteiros e relesses, dando a deixa que John precisava para iniciar a conversa, mesmo que a coragem tenha surgido quase quatro meses depois. Ora, cada um tem o seu tempo, uns, como Sarah, bem rápidos outros ... bem ... é, meio tartaruga, mas tudo bem, o que vale mesmo é a iniciativa e disso Liz nunca pode reclamar de John. Se bem que ... a iniciativa que ela esperava era outra. John sempre se mostrou prestativo e disposto a ajudá-la em tudo, menos em aplacar o fogo intenso que surgia dentro dela quando estava ao seu lado.

Uma vez, depois de decorrido mais de um ano que John já era figurinha certa em sua vida, sentiu os braços dele a protegê-la do frio intenso que fazia bem na hora que Bono estava na sua melhor interpretação, no show do U2.

Depois desse dia, Liz que já gostava da Banda, passou a idolatrá-la, virando fã de carteirinha. Comprou a coletânea completa, aproveitando o desconto que a Loja em que trabalhava a amiga dava para os funcionários. Ouvia a todo o momento as musicas do U2 e até John, que insistiu para que fossem ao show, ficou admirado como sua amiga se transformou na fã numero 1 da Banda.

Aproximadamente dois meses depois do show, Liz sentiu mais uma vez a presença de John rente ao seu corpo, quando estavam sendo espremidos na entrada do estádio onde foram assistir ao maior clássico de futebol da cidade. Naquele instante, ela perdeu completamente o chão e mais uma vez seus pensamentos voaram longe. *Aiii que delicia! Não abrem o portão não ... mantenha fechado, deixem que nos espremam mais ... hummmm ... será??? Vou mexer só um pouquinho para ele perceber ... assim, ahhh não .... não andem não, gente! Continuem parados, tá tão bom sentir ... que porra! Porque tão andando ... vou ficar parada, assim ele tem que colar mais em mim e me empurrar ... nossa essa mão ... vem, vem, desce a mão, vai, vai.* Liz já não sentia o chão, estava tremendo, uma expectativa torturante que mexia profundamente com ela. *Vai, vai, continua com a mão ai .... não, nnnnãããõooo, não me empurre para o lado, Putz, não percebeu que queria era outra coisa, custava ter abaixado mais a mão, merda! Tava quase la ... PQP! Que homem mais besta, podia aproveitar ...*

O time de John ganhou o jogo por 2 a 0. Foram dois gols que ela nem mesmo viu quem fez mas que a marcaram por meses, pois o forte abraço que ganhou de John durante a comemoração levou-a ao delírio. Sentiu o seu hálito, seu cheiro e seu calor. Isso já bastou para transformá-la em uma fanática torcedora. Passou a acompanhar o dia a dia do time, informar John sobre as novas contratações e, claro, acompanhá-lo durante todos os jogos. Foram mais de quatro meses nesse ritmo frenético e fanático. Comprou o uniforme completo e ainda o fez adquirir uma bandeira grande do time que adorava enrolar entre os dois enquanto caminhava rumo ao estádio cantando o hino do clube juntos. Liz sentia uma cumplicidade, uma harmonia enorme entre eles nesses momentos mágicos de futebol.

Capítulo 2 - John

John nunca se interessou verdadeiramente por nenhuma mulher desde aquele dia no Taco Mex. Dizia para si mesmo que era uma fase de autoconhecimento, que precisava ficar sozinho e, verdadeiramente se sentia bem com essa condição de solteirão convicto. Algumas vezes, em face da insistência das mulheres, sentia um ou outro batom em seus lábios, mas ficava por aí. Nunca ligava de volta e torcia para não encontrá-las de novo.

Mas antes não era bem assim... apesar de muito tímido, Lucas, seu melhor amigo, sempre o considerou o garanhão da turma e o seu talismã da sorte, pois nunca lhe faltou mulheres lindas em seus braços. Lucas sabia que tudo se dava pela boa pinta do amigo. No fundo seus sentimos em relação ao amigo eram conflitantes, misto de inveja e admiração. Ficava puto com ele, porque as mulheres – e olham que eram as mais gostosas e bonitas, sempre lhe davam mole e somente algumas vezes que uma ou outra rejeitada por John caia em seus braços ou nos de David, que também compunha o trio inseparável de amigos. Essas poucas migalhas já o fazia sentir recompensado por estar sempre ao lado dele.
John nasceu na fazenda do seu avô e até aos 14 anos viveu somente no meio rural. Sua iniciação foi antes de deixar a

fazenda para ir estudar na capital. Seu avô, machão convicto, bronco por opção e ignorante pelo destino, levou-o, arrastado, para a casa da Maitê. Sentou-se ao lado da anfitriã da casa e em bom e alto tom, disse que o guri precisava de um serviço completo que era virgem e não conhecia os prazeres da carne.

O rapaz que aparentava ser um homem feito, quase furou o chão e enfiou sua cabeça, tamanha vergonha que sentiu. E pior ficou quando viu, dois pares de seios, um de cada lado, roçando em seus ombros e quatro mãos levantando-o lentamente. Sentia que estava indo para o matadouro, não tinha a mínima empolgação e vontade. Para piorar, já antevia que nada iria funcionar daquela forma. Tremia por dentro e por fora, um pânico apossou por completo dele e já na cama, despido, levou as mãos para tentar tampar a flácida genitália que insistia em sumir, desaparecer, entre suas pernas.

Para sua sorte, Shirley Maria e Medley Ana compreenderam sua agonia e trataram de conversar com ele todo tipo de amenidades para tentar descontraí-lo e, quem sabe, satisfazer os desejos do avô que aguardava impaciente o retorno do Homem em que o rapaz se transformaria. Tentaram, tatearam, beijaram e até a boca usaram ... mas nada, nada foi capaz de levantar o ânimo do rapaz, que se manteve impassível e cabisbaixo. Por fim,

combinaram com ele que iriam dizer que de prazer quase as mataram mas ele tinha de prometer que, quando quisesse e se sentisse preparado, voltaria ali e com elas estaria. Trato feito, finalmente John conseguiu relaxar e junto com elas contou suas aventuras de menino. Riram muito e o avô, ouvindo os risos e gritos das meninas, ficou orgulhoso, pois sabia que seu neto estava matando de prazer àquelas raparigas.

Ao sair do quarto, John se mostrava mais confiante e o avô até percebeu uma protuberância em sua calça e de imediato com a Maitê comentou:

- tá vendo, homenzarrão, puxou o avô aqui, não desce nunca.... esse é dos bão!!!!! Tem sangue meu na veia! Veja, Maitê, o moleque continua duro, quer mais .... - nesta hora, John abriu um sorriso e as meninas, juntas disseram - *isso mesmo .... ele é insaciável ... nossa... temos que dar um tempo agora Maitê, ele acabou com agente!* - E John, ainda mais confiante emendou - *isso memo, bobiou, entro memo!*

Já na capital, concluiu o ensino médio e entrou na faculdade de agronomia, pois queria, um dia, retornar para o interior e comandar a fazenda do avô. Também pretendia fazer administração. Sabia que os tempos eram outros e que devia modernizar os negócios da família. Difícil mesmo seria convencer o avô.

Desde a morte dos pais aos seis anos de idade que o avô assumiu completamente a sua guarda e instrução. Nunca deixou faltar nada, mas sua rigidez só serviu para deixar John cada vez mais introspectivo, calado e tímido. Na verdade, o avô não sabia bem como lidar com a situação. Da noite para o dia se viu responsável por um guri de apenas 6 anos. Quando seus dois filhos tinham essa idade, ele nada fazia, pois tudo cabia inteiramente a mãe. Para ele, com homem não se pode dar mole e, mesmo com apenas seis anos, ele era um homem e se afrouxasse, poderia virar uma '*mulhersinha*'. Assim os anos passaram e John, que sempre foi uma criança sensível, viu-se obrigado, desde cedo, a engolir e esconder seus sentimentos, medos e aflições. Fechou-se dentro de sua própria concha, criando um mundo todo seu, onde, podia apreciar as flores do jardim, sentir a brisa da tarde em seu rosto, o calor do sol em sua pele, o cheiro de mato e terra molhada nos dias de chuva.

Quando estava no segundo semestre da faculdade, durante as férias, resolveu voltar para a fazenda e lá ficar até o final delas. Mas no fundo, com 18 anos, queria mesmo era reencontrar Shirley Maria e Medley Ana, musas inspiradoras de seus prazeres solitários. Sentia que já estava na hora, a turma da faculdade não sabia da sua inexperiência e muito menos as dezenas de meninas que

sempre ficavam ao seu redor, atraídas por sua beleza e simpatia.

Como quem não quer nada, perguntou ao avô se ainda existia aquela casa que um dia ele o levou lá. O avô sorrindo disse: -m*enino, assim que fala! Quer dar umas bombadas por aqui. Sentiu falta das cabritas, né? Te levo la, vamo?*

- não vô, pode deixar que vou sozinho, só quero que o senhor me diga o caminho, pois não me recordo bem.

Shirley Maria e Medley Ana ainda trabalhavam la. Apesar dos cinco anos que se passaram, ainda eram atraentes e com belos corpos. Depois John veio a saber que tinham 23 e 24 anos e que quando esteve com elas naquele fatídico dia, tinham apenas uma semana de trabalho na Maitê e pouca experiência também.

Mais uma vez riram da situação. Elas agiram com muito carinho e paciência com ele e ensinaram todos os segredos que um homem deve saber para enlouquecer uma mulher. Foram as professoras inesquecíveis de sua vida e tudo que não gostavam do agir de seus clientes, contaram para ele na certeza que não iria jamais fazer igual com qualquer mulher. Ensinaram o que é respeitar a companheira, se conter com um não, não avançar o sinal. Mostraram como

e onde fazer, mais de uma vez. Ensinaram palavras de carinho e amor para todos os momentos, enfim, transformaram, durante todos os dias daquelas férias, o rapaz no melhor amante que uma mulher possa ter.